

# REFLEXÃO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL NO SERTÃO NORTE MINEIRO:

o caso da expedição Caminhos dos Geraes\*

*“Na verdade, o SERTÃO não é nada do que se pensa dele; ele vai além da sua imaginação”*

A “Expedição Caminhos dos Geraes” vislumbrou a oportunidade real de poder “re” conhecer rincões do “Sertão” no Norte de Minas Gerais. A passagem por vários municípios em toda a depressão do Rio São Francisco, sendo eles nas chapadas ou mesmo ribeirinhos, proporcionou uma visão sócio-ambiental e econômica das populações, além de deixar mais evidente o quanto a região é rica cultural e geograficamente. Apesar da história política-cultural, apresentada desde o séculos XVI com as Entradas e Bandeiras e toda a ocupação e estruturação econômica apresentarem dificuldades, novas perspectivas podem ser “re” pensadas, discutidas, planejadas e executadas para a melhoria do Desenvolvi-

mento Social. Entende-se, aqui, que esse desenvolvimento perpassa pelas categorias do turismo, sustentabilidade sócio-ambiental e econômica, reconhecimento da identidade cultural para uma melhor qualidade de vida em todo o “Sertão Norte-Mineiro.”

*Palavras Chave:* Desenvolvimento Social; Sertão Norte-Mineiro; Identidade.

*Introdução: uma síntese histórica e geográfica*

A “revelação” de parte de nossa História e Geografia foi melhor vislumbrada na “Expedição Caminhos dos Geraes”.

A paisagem que aqui caracterizamos como “paisagem sertaneja” é o palco onde pode-se perceber, observar e interpretar “as coi-

\* Expedição Caminhos do Geraes: Roteiro Vale do Peruaçu. Cidades Percorridas: Montes Claros, Mirabela, Japonvar, Lontra, Pedras de Maria da Cruz, Januária, Bonito de Minas, Itacarambi, São João das Missões, Manga, Matias Cardoso, Jaíba e Varzelândia. Participantes: Anderson Antônio Pimenta Neves (IEF), Cristiano Santos Couto (Jornal Hoje em Dia), Hamilton dos Reis Sales (IEF), Jader Rezende (Jornal Hoje em Dia), Marcelo Leandro da Silva (Produtora HiperVideo).

sas” do Norte de Minas. Geograficamente, Bertrand entende que

a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em perpétua evolução. (BERTRAND, 1972; 2)

Muitas são as peculiaridades distintas que marcam uma realidade registrada na primavera do ano de 2005.

Desde a ocupação pelas Entradas e Bandeiras do século XVI, toda a região norte foi cenário nacional de grande importância sócio-ambiental, política e econômica. Segundo Piló,

diante dos prosseguimentos dos conflitos entre os dominantes, indígenas, negros, fugitivos e desclassificados brancos, tratou a coroa de garantir a posse, convocando para tal os bandeirantes paulistas de grande vivência no sertão e prática de combate aos indígenas. (PILÓ, 1989:19).

A paisagem regional é apresentada no Grande Vale da Depressão Sanfranciscana, onde uma complexidade fisionômica e da fisiologia se formam.

O Bioma do Cerrado com seus inúmeros substratos florestais perfaz uma área ecótona com a Caatinga. As matas ciliares e/ou de galerias ainda sobrevivem a ação antrópica; o Cerradão apresenta exemplares de espécies já em extinção; as Veredas nas chapadas ainda são fontes e refúgios que apresentam peculiaridades da fauna e de flora. Suas águas em nascentes límpidas, alimentam inúmeros córregos, ribeirões e rios na margem esquerda do Rio São Francisco. As Matas Secas que SE encontram nos topos declivosos persistem queimadas e desmates, mantendo-se assim como um substrato que ainda temos muito que conhecer, já que completa o mosaico paisa-

gístico.

A Hidrografia regional é toda drenada para o Rio São Francisco. O conceito de Bacia Hidrográfica é, de acordo com Botelho (1999: 269), também bacia de drenagem, sendo a área da superfície terrestre drenada por um rio principal e seus tributários, limitada pelos divisores de água. Os córregos, riachos e rios que se formam nas chapadas, de maneira caudalosa, nem sempre deságuam em seus tributários maiores, pois a dinâmica da “seca” e as diversidades das ações humanas agonizam ao longo do tempo seus leitos.

O Clima é fator preponderante para “a vida sertaneja”. De acordo com Nimer, “no norte de Minas Gerais as depressões dos vales do São Francisco, no médio Jequitinhonha e de Montes Claros acusam clima semi-árido brando, com seis meses secos”; (NIMER, 1979: 307) esse clima pode também ser chamado de

Tropical Semi-Árido. Apresenta, então, duas estações bem definidas, sendo “as águas” no verão e “a seca” no inverno. Essas estações “marcam” fenômenos naturais e humanos. Desde as lavouras e as criações, até mesmo as políticas econômicas locais.

Diante dessa síntese do contexto histórico e geográfico, é que será caracterizada uma abordagem do Desenvolvimento Social, passando pelo turismo, sustentabilidade sócio-ambiental e econômica, além do reconhecimento da identidade cultural.

*O desenvolvimento social e suas possibilidades*

Discutir o Desenvolvimento Social em uma região que apresenta uma história política marcada pelas adversidades entre o desenvolvimento e subdesenvolvimento é bem complexo, haja vista que as heranças negativas são inúmeras. Harvey diz que

Marx desenvolveu uma nova abordagem relativa à teoria da localização (em que a dinâmica está no centro das coisas), e mostrou ser

possível ligar, teoricamente, o processo geral de crescimento econômico com o entendimento explícito de uma estrutura emergente de relações espaciais. (HARVEY, 2005: 44)

A maior das dificuldades é identificar qual o “modelo” que queremos para todas as classes sociais em todos os territórios e se de fato a nossa realidade abrange todas as nossas necessidades em busca de uma melhor qualidade de vida. O conceito de Desenvolvimento Social, afirma Costa, é:

uma estratégia política, através da qual os grupos humanos desenvolvem a capacidade de resolver seus problemas e consolidar o bem estar socialmente definido pela otimização dos recursos sociais; revertendo-os em benefício da totalidade social em todos os aspectos. (COSTA, 2003;5)

Visto assim, sabe-se que a vontade política e as organizações sociais são pontos de partida que devem trabalhar para a melhoria do bem estar das populações como um todo, destacando as tradicionais. Reafirmando o conceito de Desenvolvimento Social o autor diz:

querer um desenvolvimento social local, regional ou nacionalmente capaz de dar condições dignas, equitativas e justas de vida pra todos, se faz necessário considerar as potencialidades locais, regionais e nacionais ou maximizá-las para garantir que a cultura e a identidade de um povo não seja corroída pelo canto de sereia da modernidade. (COSTA, 2003:21)

Nesse contexto, é importante frisar o quanto o potencial regional deve ser valorizado e aqui destacam-se duas perspectivas sócio-econômicas. A primeira das macro-economias que desde os grandes latifúndios dos dois últimos séculos passados, ainda são importantes, já que vem acompanhado de grandes lavouras, com técnicas modernas de meio de produção. Essa modernidade se faz necessária ao mercado que por hora tornou-se globalizado. O exemplo maior que se pode destacar ao longo dessa expedição,

é a do Projeto Jaíba e diversas empresas agropecuárias que traduzem suas rendas através do agrobussines. A segunda perspectiva sócio-econômica apresenta-se na micro-economia dos pequenos agricultores e da populações tradicionais que vivem das subsistência da terra, mantendo suas tradições e técnicas de produção. O exemplo prático dessa vivência são os grupos populacionais tradicionais, ribeirinhos, geraizeiros, caatingueiros, quilombolas, vazanteiros e chapadeiros que se organizam em associações coletivas de produção como a do Centro Agricultura Alternativa – CAA e outras.

Aqui entende-se que o Desenvolvimento Social é possível, pois o “povo sertanejo” apresenta-se como exemplo vivo de possível transformação em função de suas diversas resistências ao longo dos vários séculos.

#### *O turismo: para além da renda*

Reconhecer o Turismo como uma modalidade econômica mundial desse século é fonte de debate de diversos ícones da ciência da Economia e da Sociologia. No Brasil, o reconhecimento de tal importância se fez necessário através da implantação de um Ministério do Turismo pelo governo federal atual. O documento criado, denominado de Plano Nacional do Turismo – diretrizes, metas e programas / 2003-2007, tem como objetivo principal desenvolver a atividade no país. A geração de renda é tida como “enquete” principal, mas aqui pensa-se que além dela, tem-se pontos importantes como o resgate e preservação da cultura; a organização dos espaços territoriais; o fortalecimento das políticas públicas; o desenvolvimento de políticas ambientais e a qualificação de profissionais. Todos esses pontos, trabalhados dentro da perspectiva do turismo de desenvolvimento sustentável de base local.

Diante do complexo debate acerca das bases conceituais que definem o que vem a ser turismo, Beni postula:

Tenho conceituado turismo como um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo de viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos. (BENI, 2001: 37)

Diante de muitos debates sobre o possível desenvolvimento proporcionado pelo turismo, Silva e Salgado pensam que os entraves são todos os meios materiais e imateriais que podem impedir ou minimizar o desenvolvimento na região. Já as perspectivas, de forma contrária, perfazem todos os meios que possibilitam uma melhora em nível regional.

Ampliando esse debate, os autores acima mencionam que

a valorização do espaço sertanejo deve ser priorizado nas políticas públicas municipais que se retrata em planos diretores. Além de buscar um turismo sustentável nas comunidades, deve-se entender que essas pratiquem, em seu cotidiano, várias outras atividades que valorizem o meio ambiente como o “physys” que o homem sertanejo usufrui. A capacitação e a educação das comunidades são indispensáveis para tal desenvolvimento. SILVA SALGADO, (2005: 33)

Portanto, pode-se ter a Expedição como um instrumento que configura toda a realidade dos potenciais e produtos turísticos do Norte de Minas. As riquezas estão além das paisagens, pois apresentam-se nos costumes e tradições; nos símbolos e mitos de um povo.

As políticas públicas vêm sendo trabalha-

das desde 1940, e hoje apresentam melhor planejamento diante da realidade, através de Circuitos e Roteiros com receptivos. Esses perfazem a união de municípios que apresentam peculiaridades comuns.

É importante destacar alguns lugares como o Rio São Francisco, um atrativo natural em nível nacional que por si só torna-se um potencial, tendo em vista que existem inúmeros outros atrativos agregados a ele. As festas regionais que elucidam o rio e seus santos e mitos; a pesca; os esportes náuticos; as unidades de conservações e muito mais.

Também de grande nível e magnitude, o Vale do Peruaçu, nas Unidades de Conservação – UC; Área de Proteção Ambiental – APA e do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu – PARNA, nos municípios de Januária e Itacarambi - MG. A natureza, através do rio, esculpiu em rochas seculares, rara beleza que guarda inúmeros patrimônios em sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos que remontam à nossa história de identidade. Nesse rico atrativo de nível mundial, pode-se trabalhar o turismo de lazer; rural; científico; de esportes de aventura; além de desenvolver as comunidades de populações tradicionais em seu entorno.

Em Januária as corredeiras do Rio Pandeiros apresentam em um cenário regional de rara beleza, que se completam com o Pântano de Pandeiros onde as espécies de fauna ictia e silvestre encontram habitat ainda natural e preservado. Muitas são as lagoas vicinais (berçários) do “Velho Chico”.

O grande Projeto da Jaíba é também em si importante potencial que poderá explorar as diversas partes das cadeias de produção que ali se encontram, sendo hoje uma modalidade de turismo de negócios.

Esses quatro exemplos na verdade são apenas uma representação do que se pode conhecer no Vale do Rio São Francisco. As estradas que

levam ao locais apresentam paisagens exuberantes e exóticas de nossa fauna, flora, solos; povoados onde o nosso povo apresenta costumes e tradições variadas. É importante salientar que o Turismo vai além da renda.

#### *Sustentabilidade socio-ambiental e econômica*

O debate sobre a sustentabilidade é sempre polêmico. As diferentes visões acadêmicas que trabalham com o conceito, pouco acreditam nele. Tão difícil de aceitar é o desenvolvimento sustentável. Seriam mitos, o desenvolvimento e a sustentabilidade?

Qual o nível de desenvolvimento garantirá a sustentabilidade e o bem-estar e qualidade de vida das pessoas? Todas as populações alcançariam essa meta ou proposta de vida?

As respostas para as indagações ainda pouco existem. Sachs, compartilha plenamente da opinião do eminente indiano M. S. Swaminathan que diz que “uma nova forma de civilização, fundamentada no aproveitamento sustentável dos recursos renováveis, não é apenas possível, mas essencial”. (SWAMINATHAN, APND sachs, 2002:29)

Acreditando que as mudanças “radicais” devam ser essenciais à nossa sobrevivência, discute duas categorias epistemológicas, sendo uma a *crise ambiental*, que é: “o resultado do desconhecimento da lei (entropia), que desencadeou no imaginário economicista uma “mania de crescimento”, de uma produção sem limites”. E a segunda é uma proposta para a crise ambiental, como uma nova maneira de “re” pensar o momento. (LEFF, 2003: 21) Ele a denomina *complexidade ambiental*:

A complexidade emerge como a resposta a este constrangimento do mundo e da natureza pela unificação ideológica, tecnológica e econômica. [...]. Aprender a aprender (a complexidade ambiental) implica uma nova compreensão do mundo que incorpora os conhecimentos e saberes arraigados em cosmologias, mitologias, ideologias, teorias

e saberes práticos que estão nos alicerces da civilização moderna, no sangue de cada cultura, no rosto de cada pessoa. [...]. Neste sentido, aprender a aprender a complexidade ambiental implica um processo de “desconstrução” do pensamento para pensar o ainda não pensado, para desentranhar o mais entranhável de nossos saberes e para dar curso ao inédito, arriscando-nos a desbaratar nossas últimas certezas e a questionar o edifício da ciência. (SACHS, 2003: 22-23).

A tríade social, ambiental e econômica é discutida incansavelmente no documento da Agenda 21 com os principais temas globais mas sabe-se que cada local apresenta particularidades, o que nos leva a pensar em vários documentos a partir das realidades.

O pensamento sobre o desenvolvimento e o meio ambiente não podem continuar dentro do paralelismo existente. Para Sachs deve-se pensar que,

de modo geral, o objetivo deveria ser o do estabelecimento de um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses, como um componente de estratégia de desenvolvimento. Daí a necessidade de se adotar padrões negociados e contratuais de gestão da biodiversidade. (SACHS, 2002: 53)

Fica evidente o quanto as populações e o Estado devem-se organizar para a melhoria e sustentabilidade da vida.

No Norte de Minas, nos últimos 20 anos, as políticas públicas vêm avançando, as comunidades se organizando em prol de uma vida melhor, mas ainda pode-se identificar muita pobreza. Paugam diz que

nas sociedades modernas, é claro que a pobreza se define não em si mesma, mas comparativamente a uma faixa de renda que cresce de acordo com o aumento da riqueza. Desse modo, ela tem chance de se perpetuar num regime em que a distribuição de renda permanece determinada acima de tudo pela remuneração do trabalho e as rendas do capital. (PAUGAM, 2003: 49-50)

É importante destacar que Sanchs (2002) discute oito critérios de sustentabilidade, passando pelo social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico, política nacional e política internacional. Fica evidente o pensamento global e as ações locais.

Diante dessas questões teóricas e a partir da vivência pela expedição, pode-se observar ambas as questões pela nossa região.

Da visão da *crise ambiental*, pode-se observar a degradação existente às margens do Rio São Francisco e seus afluentes. Essa degradação vem, ao longo dos anos, impactando o “modo de viver sertanejo”, pois as queimadas indiscriminadas, acompanhadas de desmatamentos, provocam erosões e assoreamentos, o que altera os processos fisionômicos e fisiológicos da paisagem. As grandes estruturas fundiárias, que trabalham a agricultura comercial e pecuária, as monoculturas homogêneas sem planejamentos prévios, somadas, causam o “*mega desastre ambiental*”.

Já sobre a visão da *complexidade ambiental*, pode-se verificar que as comunidades tradicionais de uma maneira ou de outra sabem e já vivem assim ao longo de centenas de anos, porém esse viver é pouco mencionado e explorado como “sabedoria”.

*Identidade cultural: O traço mais forte do sertanejo*

Todo povo com sua História, ao longo dos anos, adquire costumes próprios que os tornam diferentes de outros grupos. Minas Gerais apresenta inúmeras diversidades culturais, e o Norte tem em si uma cultura de raízes com base na colonização. Denomina-se cultura “sertaneja”, com características ricas em seu “modo de ser”, linguagem, ritos e mitos folclóricos, culinária e religião. Tem sua própria identidade. Falar sobre a sutileza dessas pessoas com o meio natural e como comportam diante desse meio necessita de maior vivência em meio ao grupo estudado.

Ainda, na introdução sobre as consequências da modernidade Giddens comenta:

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS, 1991:44)

Mas aqui podemos traçar algumas diversidades do próprio homem “sertanejo” que observamos e com o qual conversamos pelas cidades que passamos na Expedição. De acordo com Gonçalves,

há, assim, uma singularidade histórico-cultural a partir do que haverá que se estabelecer um diálogo com essas outras matrizes de racionalidade. Assim, se sempre foi destacada a hegemonia do latifúndio pecuarista, é preciso se registrar, pela importância que teve na configuração do perfil sócio-geográfico da região, a produção familiar desses Geraizeiros, desses Caatingueiros, desses Vazanteiros[...]

As populações denominadas de tradicionais apresentam a rigor, um caráter distinto, pois elas constituem fonte radical de uma cultura secular. A lida na terra, simbiose com a natureza; relações de parentesco; ocupação territorial por gerações; seus símbolos, mitos e crenças, o fraco poder político e principalmente sua auto-identificação, são apenas algumas das inúmeras características mencionadas por Diegues e Arruda (2001:26). Essas e inúmeras outras características que ficam “ocultas” ainda devem ser melhor estudadas, pois o “saber” desse povo é ainda uma “mística” para muitos. Segundo Costa (1997, p. 80):

Articulando interna e externamente, os homens dessa região construíram uma identidade própria e uma cultura singular – a sertaneja – que Luz (1991) compreende como sendo fruto da relação estabelecida com a terra e

com a natureza. Tratados como parceiros na reprodução da vida, constituíram coletivamente e viabilizaram um "modus vivendi" que proporcionou uma cosmovisão inteira e integrada - holística - expressando-a no principal valor cultural: a solidariedade, através da parentela, bem como por relações de vizinhança e compadrio" (COSTA, 1997:80)

Na expedição ficou explícito com a presença do extrativismo vegetal (coleta) do pequi em Mirabela, onde o contato com o Sr. José Cleomar Gonçalves Ferreira revelou a sua persistência em sobrevivência, pois o fruto é fonte de renda familiar, e além dele, inúmeros outros vendedores.

Nas margens da BR-135, município de Pedras de Maria da Cruz, onde o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE-MG resgata os conhecimentos locais para geração de renda com o artesanato, o Sr. Diego Rodrigues de Souza, esta na "labuta" há mais de 15 anos, confeccionando artefatos de argila (barro) e madeira.

No galpão do "Oleiros do Candial", gravado em meio à chapada, rodeada de veredas em Cônego Marinho-MG, a Sr<sup>a</sup> Emília, matriarca de 74 anos, mantém viva a tradição de dar vida em suas peças de argila (barro). Sua bisavó era Xakriabá e lhe ensinou a "prática" quando tinha em média 14 anos. Esses artefatos ajudam na renda de várias famílias, num total de 30, que vivem no povoado de Candial. Algumas peças são enviadas para os grandes centros e chegam ao exterior. Essa é a nossa identidade e o seu valor.

Em São João das Missões-MG; a Reserva Indígena dos Xakriabás representa o

#### REFERÊNCIAS

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo* / Mário Carlos Beni. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1998.

BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global - Esboço Metodológico. *Caderno de Ciências da Terra*. São Paulo, USP - Instituto de Geografia, 1971.

BOTELHO, Rosângela Garrido Machado..

"grau" de resistência de uma cultura secular. Sua história marcada por atrocidades, ainda revela uma identidade cultural que pode ser melhor trabalhada em benefício das nações indígenas e desenvolvimento de base local.

A travessia da balsa em Manga para Matias Cardoso-MG. É no balanço das águas que se conhece o outro, pessoas de inúmeras regiões e das localidades vizinhas se cruzam e percebem suas diferenças e semelhanças sertanejas.

Além dessas poucas relações citadas, pode-se perceber e observar que "a vida sertaneja" se auto-identifica.

*Considerações: para futuras "prosas"*

Diante dessa breve explanação e poucos relatos da "Expedição Caminhos dos Geraes", perpassamos de forma sucinta pelo Desenvolvimento Social com suas diversas facetas, pelo turismo como sendo, além da renda, a sustentabilidade sócio-ambiental e econômica, tripé ainda desafiador para os teóricos e os que tentam viver essa possível prática e por fim o traço mais forte, a nossa identidade.

Todos essas categorias conceituais, muitas ainda em construção acadêmica, podem e devem ser percebidas e interpretadas com novos olhares. A História e a Geografia nos mostraram alguns fatos e elementos espaciais, que fizeram parte das "transformações" humanísticas e vice-versa. É nesse processo contínuo que a "VIDA SERTANEJA", se faz e "re" faz.

Planejamento Ambiental em Mibrobacia hidrográfica. In: GUERRA, A.J. Teixeira. (Orgs). *Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão Carneiro. Região Norte de Minas: caracterização geográfica e a organização espacial - breves considerações. *Revista Cerrados* - v.1, n.1/ Montes Claros: Ed. Unimontes, 2003 p. 1 127. jan./dez.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: Um século* (1) (2) (3). (Orgs). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

COSTA, João Batista de Almeida. *Tomando alho por bugalhos: o decantado desenvolvimento do Norte de Minas*. (mimeo: 2003)

\_\_\_\_\_. *Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas*. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro (Orgs). *Trabalho, cultura e sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais*. Montes Claros: Best Comunicações e Marketing, 1997. p. 77-97.

DIAS, Reinaldo. *Turismo Sustentável e Meio Ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos e ARRUDA, Rinaldo V.S. (Orgs), *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio ambiente; São Paulo: USP, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HARVEY, David. *A produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

JUNIOR, Álvaro Banducci e BARRETO, Margarita (Orgs). *Turismo e Identidade Local: Uma visão Antropológica*. 2ª ed. Campinas Papirus, 2001. Coleção Turismo.

LEFF, Enrique. *A complexidade Ambiental*. (coord). São Paulo: Cortez, 2003.

LUZ, Cláudia e DAYRELL, Carlos (Orgs.) . *Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade* / Cláudia Luz. Montes Claros, MG: CAA-NM, 2000.

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. *Vazanteiros do rio São*

*Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (dissertação de mestrado).

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. *Formação social e econômica do norte de Minas*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.

PAUGAM, Serge. *A Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

PEREIRA, Anete Marília e ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. *Leituras geográficas sobre o Norte de Minas Gerais*. (Orgs). Montes Claros: Ed. Unimontes, 2004.

PILÓ, Luís Beethoven. *A Morfologia Cárstica do Baixo Curso do Rio Peruaçu: Januária – Itacarambi-MG*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, 1989. (monografia).

Relatório Técnico Final: Levantamento Espeleológico da Área de Proteção Ambiental – APA - Cavernas do Peruaçu: Subsídios para o Plano de Manejo. GBPE - Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas/Projeto FNMA-MMA: Convênio nº 035/97, Março de 1999.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Orgs.). *Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites*. São Paulo: Contexto, 2003

\_\_\_\_\_. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*, ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002 .

SILVA, Cássio Alexandre e SALGADO, Hebert Canela. *Turismo no Norte de Minas: Entraves e Perspectivas*. Revista Multidisciplinar das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros. Publicação Semestral. Ano 3, Nº 2, Agosto de 2005. ISSN 1808-6969.

YÁZIGI, Eduardo. *Turismo: espaço, paisagem e cultura* ed. São Paulo: Hucitec, 1999.



Fazenda - Expedição Caminhos dos Geraes



Maçiços calcários no Parque Estadual da Lapa Grande - Montes Claros - MG



Igreja de Santo Antonio - Grão Mogol - MG